

ANTÓNIO CARDOSO



21 poemas da cadeia

cadernos

16

lavra & oficina

Dos «Poemas de Circunstâncias», publicados em 1961, a este novo livro de poesias, escritas no cárcere, vai simultaneamente uma grande e pequena distância. A grande distância entre uma poesia espontânea, imediata e entusiasta, uma poesia discursiva, ainda que raramente derramada, por vezes relato ou conto poetizado, à semelhança do que escreveram alguns grandes da «geração de 50», e uma poesia formalmente elaborada, de procurada contenção, em que se casam frequentemente a construção clássica e a ousadia das rimas e cesuras, aqui e ali preciosas, uma poesia por vezes conceituosa, aforística até.

Inversamente, a pequena distância resultante de uma concepção inalterada do mundo e de uma nunca cansada esperança, a manutenção de um tipo de expressão fechada, unívoca, imediatamente apreensível (mesmo nos poemas de mais carregado simbolismo ou de maior manipulação verbal), a traduzir o empenhamento consciente e voluntário do artista, expressamente programado nas poesias «Conselho a um jovem» e «Arte Poética», esta última também um manifesto das novas preocupações formais de António Cardoso.

A. Abreu

ARQUIVO L. LARA

ANTÓNIO CARDOSO

LUCIO LARA

21

POEMAS DA CADEIA

CADERNOS

16

LAVRA & OFICINA

ANTONIO CARVALHO

POEMAS DA CADEIA

CONTEÚDO

Todos os poemas que constituem este caderno foram escritos no Campo de Concentração do Tarrafal, Ilha de Santiago, em Cabo Verde, nos anos de 1970 a 1973.

POETAS

Saiba já só a sangue, a boca;
Rompam-se os pulsos nas grillhetas;
— Sempre a tirania foi pouca
Para calar a voz dos poetas! ...

Março/Junho 1970

A LIÇÃO

— à «Rufia»

Que saboroso mistério me parece gravado em teu rosto,
Como se, por acaso, dois fios de voz, duas gotas de
[sangue,

Se tivessem encontrado na aurora do mundo
E tivessem produzido o teu mosto
Levedando promessas e futuro ...

No entanto, é de ontem, se pode dizer,
O encontro das duas raças de que foste o belo fruto
[maduro,
Subjacente, adjacente, presente e profundo ...

E no lucilar-te dos olhos bebo-te profundidades negras
De tua avó, e mais longe, de todo um belo e grande e
[sofredor povo!

E nesse sorriso triste e tímido parece ainda pairar
A saudade dum mar ignoto, dum oásis, duma serra
[nevada,
De duras e avaras pedras que não conheceste, nem
[nunca reconhecerás.

E de novo me pergunto que voz, só, nos fala no sangue,
Se dos ausentes, se dos presentes, imediatos,
Se dos séculos, em todos os sangues da Raça Humana,
Em perpétuo renovo e em círculo fechado ...

Como for! No mais fundo desse mosto,
Que se diria quase impossível,
Entre os filhos de antigos negreiros e de antigos
[escravos,

Eu só sei ler-te, impresso na carne e no sangue,
Nos músculos e na voz, nos nervos e no cérebro,
Nos sorrisos e nas agonias prometidas na flor,
Uma lição antiga e renovada,
A mesma de sempre e de toda a Humanidade : AMOR!

19/9/70

REDACÇÃO SOBRE A FORÇA

Vem-me no vento esta promessa
Do Sol que não vejo, mas sei :
Não há força que nos impeça
A razão ser força da lei...

28/10/70

REDACÇÃO SOBRE A LANTERNA

A lanterna é redonda e como sabem jaz.
Em cima da Remington falida onde a pus.
Devidamente. Com certeza ela não faz
Mal a ninguém e a gente carrega e dá luz.

É uma diferença já de condição.
Vejam um exemplo: se um homem carrega
Nem sempre dá luz. Ou escorrega no chão
Vergado ao peso, já cheio de suor e cega

A vista devido à tremulina do sol,
E aos argueiros teimosos do pó de carvão
E de cimento, ou fica todo muito mole

E não carrega mais: vai grave num caixão,
Calmamente fantasma dentro dum lençol...
Três pilhas carrega esta lanterna de mão.

23/11/70

REDACÇÃO SOBRE O PENSAMENTO

Penso : **flébil**, e fica-se, assim, simples sussurro
Leve de um neurónio a outro. Mudo ideias
E digo : **arde**, e vulcão se levanta, futuro,
E fogo corre já insofrido nas veias ...

É assim : digo, **amor**, é tudo mansuetude
Na origem, lago, como em flébil, porém, logo
A onda dispersa cresce erecta em altitude,
Como em vulcão, etc., etc., o fogo

Nas veias. Mas se mal-digo : **tirano!**, as fibras,
Moléculas e músculos eriçam seu espinho
— Efeitos do sol, é bem de ver — e te libras
Nele para a defesa justa do caminho

Do futuro ... Depois, calmo, desequilibras
Todo o maquis, desarmas o forte escaninho-
-alvéolo do cérebro, afundas e livras-
-te, manso hibernas no sono da cama-ninho ...

23/11/70

MEU CANTO DE VITÓRIA

— A Tininha

Nunca o sol se derrota como nunca
Morre a esperança no calor do sangue! ...

Bebo no ar tua luz, colho manhãs,
E me deito refeito e não exangue.

Enquanto tardas, vela por mim a asa
De tua amante fértil e absoluta.

E no teu incorrupto regresso arde-
-me a lição invencível e impoluta ...

Caminho do futuro, vão meus passos,
A mensagem nas veias, acelerada ...

Não é de luto o canto de vitória,
Grita sol e promete madrugada! ...

29/12/70

AUTOCRÍTICA

Aqui, a sós,
Entre mim e o sonho
De cantar-te,
A voz
De que disponho
Sem engenho e arte ...

Fraca e mal-nascida,
Nasce,
E nunca digo de nós,
Da vida,
Do Sol
Que prossigo,
Com palavras-não-gastas ...
Nasce,
E fica-se (tece)
A tristeza mole da derrota
Pelo mal que digo,
(Cantol)
A certeza da vitória
Nesta rota ...

Espanto sem história
Neste esforço
De cantar-te?
Se és tão simples água
Ou sol nas veias,
Simples olhar límpido
De criança perpétua
Sem a primeira mágoa?!

Simples leveza de amar-te,
Simples esperança simples,
Maré-cheia e horizonte,
Escorço de linhas
Com o SOL lá, PÃO e FONTE! ...
— ah! minhas palavras minhas!

22/4/71

O MAR VISTO DA CADEIA

O mar é largo
E profundo.
Tão largo e profundo,
Que cabe todo inteiro
E amargo, no fundo
Do simples olhar que lhe deito ...

Estendido e liso,
Refeito como um ventre de mulher
Apetecido sem aviso,
Já teve sereias e monstros,
Ossos a apodrecer,
Para ser, agora,
De um qualquer ...

Desencanto a apodrecer-
-me o canto, nesta hora?
— Só se for nas areias
Onde morre monótono,
E nas marés-cheias
De tanto luar e espanto
Na memória ...

Já o tive
Insatisfeito,
Na cova da mão,
No búzio dos ouvidos,
E no sonho que ainda vive
De uma doce ilusão ...

Inventei-lhe
Desaparecidos ecos,
Talvez reinos perdidos,
Tesouros, conchas,
Algas e palácios
Encantados de mouros ...

Depois ficou só mar
Vulgar, indigesto,
Azul, verde, prateado,
«Grande ... grande ...»,
Com o resto afogado
No coração ...

Chegou então a hora
Do mar lúcido
Sem papão,
Apreendido,
Económico,
Assassino, embora,
Mas também elo de ligação ...

23/4/71

DECÁLOGO

O húmus na esperança da terra :
Eis o Pão!

A carícia nos dedos do vento :
Eis a Água!

A liberdade na paz dos homens :
Eis o Trabalho!

A estrela no murmúrio da fonte :
Eis o Pensamento!

O amor no leite da mulher :
Eis a Poesia!

O direito no sol do mundo :
Eis a Justiça!

O equilíbrio na paz dos astros :
Eis a Ciência!

A harmonia no silêncio do mar :
Eis a Música!

A luz no calor do sangue :
Eis a Pintura!

O segredo na voz da floresta :
Eis a Imaginação!

26/4/71

POESIA

Não faço mais nada!
Estou farto de rima
Fisgada
Em cima, em baixo,
Ao lado.

Estou fatigado :
Não há poema que valha
Um raio de sol,
Pão na toalha,
E uma mulher no lençol! ...

12/5/71

AVISO

Não se iludam :
Eu sou um gajo magro
E até baixo
Pouco para desfazer...
Mas cuidado com o verde
A nascer
À superfície de mim
Depois de enterrado...

12/5/71

ALFORRIA

Meu testemunho
Vivido
— Belo ou fruste,
Mas sentido —
É ... Poesia ...
Se bem me custe
Fazê-lo,
Noite-e-dia
Armo o punho
Em volta da caneta
— Minhas algemas —
E como escravo
Nele alcanço
Minha carta de alforria ...

28/5/71

A FLOR

Meu tão doce amor de mais ninguém,
Imaginado neste deserto
Destes dias, como único bem
Do caminhante que segue incerto

— Onde o meu distante oásis te tem
Tão escondida, se foi desperto
Que sempre andei nesta vida sem
Nunca o encontrar para mim aberto?! . . .

Meu tão doce amor de mais ninguém,
Construí-te na dura memória
Como a flor mais rara que se tem,

Como a flor mais doce e mais madura,
Que jamais alguém um dia viu,
Mas só amargura em mim floriu! . . .

VEIO NATURAL

Peço-te memória cruel
Descanso para o escravo
Que nada mais sabe
Senão cantar seu fel,
Ou o favo de mel
Desta colmeia que lavro ...

Não que a voz para tanto
E tão belo me faleça,
Mas já há desencanto
E não quero me adoeça
O que é fonte pura ...

Meu canto levanto
Como a espiga madura
Dá pão, e nada impeça
— Seja que punhal de amargura —
Sua água livre e futura
Se turve em desencanto
Em artifício se fortaleça ...

A CONCRETA LAVRA

Já de tanto fitar o horizonte,
Se me cega a paisagem sempre igual.
Aonde cantarás distante fonte,
Se até em mim secou teu manancial?! ...

Ferem este azul dois perdidos mastros
E carregam-os de sonhos e de viagens ...
Acorrentado eu, mas levam meus rastros,
Que futuro serão noutras paragens ...

Que me interessam na noite esses astros,
Que teimo apelos duma infância antiga? ...
Dor aguda estremece esta cantiga,
E deixa-me em soluços e de rastros ...

Nem rasteja capim na minha lavra,
Estéril é meu pensamento e sinto.
Não de sentir a luta da palavra,
De não saber escrever quanto minto ...

Viesse a chuva ou absinto que escalavra,
E eu fosse e ficasse a Natureza :
Dava, pela hipotética beleza
Destes meus versos, a concreta lavra ...

DOIS MOMENTOS

Tenho meus olhos fitos em frente
Onde mora o futuro,
E altos, erectos,
Bem por cima do Muro ...

Sou como toda a gente :
Tenho momentos aflitos
E afectos.
E canto (produzo) e perduro,
Mesmo cheio de espanto ...

1/1/72

CONSELHO A UM JOVEM, ARTISTA OU NÃO

Não teimes :

Os grandes temas

Já não dão leite...

Deixa-os aos novos-velhos

E aos velhos-mesmo-velhos...

Mas não temas

Qualquer puro deleite,

Sem lemas,

Te roa os ossos...

Vigia-te,

A esmo ou não,

Em toda a parte

(Sobretudo os bolsos...):

Arte-pela-arte

— Isso é que não!...

4/1/72

EXTROVERSÃO DE UM INTROVERTIDO

Este poema seria um poema triste
Se não fosse impossível de escrever :
Teria a tessitura do que existe
Na lágrima que não pode nascer ...

Mas mágoa interior, um quase-nada,
Não é literatura pra dizer.
Toda a dor funda e aguda é bem calada,
Enfim, no mundo há muito que fazer ...

Portanto, o que interessa é o que afirmo
Construindo-me : a vida tem seu rumo
Na ânsia digna de pão e de calor ...

Se errei ou não, mas sempre de pé, dir-mo-
-à a vida jogada. O sol a prumo,
Futuro, que em mim teço, é construtor ...

22/2/72

(Durante uma insónia, deitado na
cama e apontando de manhã)

EPIGRAFE

Passa,
Não te detenha medo
Ou comoção,
E evita esse teu ar de desgraça :
Aqui no chão,
No mais profundo,
Não há qualquer segredo ...
Mas se encostares bem teu ouvido à terra,
Ouvirás bater um coração
Ao ritmo do pulsar do mundo! ...

27/2/72

MALUVO

Fez-se meu sonho
Com as palavras e o barro
De que disponho.

Erguido o caminho,
Em mim e nos outros,
Não é difícil o ninho
Que ao futuro amarro ...

Muito do sol
Da perda infância,
E faço o arrebol
Deste mosto exangue ...
Ou da simples fragrância
Do vinho de palma,
Quando a hora for calma,
E reinar abundância
Na lei e no sangue ...

29/9/72
(de tarde)

CONSTRUÇÃO CIVIL

Não foi prever em vão tanto sonhar
Como nunca ficou só reduzido
A palavras, o quanto foi vivido :
Dos sonhos e actos meço o caminhar

E das palavras, rumo a fabricar . . .
Nem é por mim que luto repartido
Mas também estarei no prometido
Futuro que nos há-de realizar . . .

Se sonho, falo, avanço, o muito, o pouco,
Feitos passos da vida em tom agudo,
Foi argamassa e pedra no cabouco

Duma casa inventada para escudo,
Tendo como ético valor, reboco
Desta sanguínea cor que pus em tudo! . . .

2/10/72

Formalismo gratuito
À procura de beleza,
Não é meu intuito.
Atenção subtileza...

Vela teu intento,
Como um raio de sol
Amadurece o pensamento
E torna a fruta mole...

E no travo amargo
Ou na dor do morto filho,
Alheio,
Denuncia a tua carga
Pensamento!, mas de forma
Que o brilho de teu trabalho,
Não seja falso enleio
Nem simples baço cascalho.

1197



21 POEMAS DA CADEIA

autor

António Cardoso

coleção

Cadernos Lavra & Oficina

capa

António Ole

composição e impressão

Lito-Tipo, Lda.

edição

1.ª/Fevereiro, 1979

tiragem

10 000 exemplares

editora

União dos Escritores Angolanos
Caixa Postal 2767 - Luanda
República Popular de Angola

**cadernos
lavra & oficina**

últimos lançamentos:

- 10 — 11 POEMAS EM NOVEMBRO (ano 3)
Manuel Rui
- 11 — A TUA VOZ ANGOLA
Antero Abreu
- 12 — ALGUNS POEMAS
Henrique Guerra
- 13 — ESTÓRIA DE KAPANGOMBE
Jofre Rocha
- 14 — PONTO DE SITUAÇÃO
João Pedro
- 15 — SOBRE A CULTURA NACIONAL
Agostinho Neto
- 16 — 21 POEMAS DA CADEIA
António Cardoso



UNIÃO DOS ESCRITORES ANGOLANOS

1197